

Roma sob Martinho I (648), e rejeita a *homologia* composta por João, *exceptor* do ducado, contra Máximo, de santa memória (Máximo o Confessor † 662), reconhecendo enfim haver no passado imprudentemente assinado a mesma. Com este bispo de Sulci na Sardenha não é possível cronologicamente identificar Eutálio diácono, editor de textos sagrados (A. Boscolo, *La Sardegna bizantina e altogiudicale*, Sassari 1978, 52-53).

CPG 7742; H. von Soden, *Die Schriften des Neuen Testaments*, I, 1, Göttingen 1911, p. 637-682; EI 14, 651.

D. Stiernon

EUTÉRIO de Tiana. Metropolita da Capadócia II (Tiana, hoje Kilise-Hisar ou Okuzlu-Hisar, a 6 km de Bor), na primeira metade do séc. V. Defensor de Nestório de Constantinopla em sua aversão pelos anátemas de Cirilo de Alexandria, participou em Éfeso do sínodo dos Orientais, chefiados por João de Antioquia (431), e por isto foi excomungado junto com este pelo concílio efesino propriamente dito. Em seguida, opôs-se às tentativas de pacificação entre Cirilo e João e, acontecida a paz (433), rompeu decididamente com este último. Deposto, foi exilado para Citópolis (Palestina) donde se evadiu para reaparecer em Tiro. Desconhecida a data de sua morte. Suas "Confutações de diversas proposições", compostas em 432 apr., são dirigidas contra a cristologia de S. Cirilo, em defesa do difisismo antioqueno. A obra, atribuída a Teodoro por Fócio (*Bibl.*, cód. 46), foi transmitida sob o nome de Sto. Atanásio. Transmitidas em versão latina pelo *Synodicon* de Rústico, suas cartas (5) aos adversários da cristologia ciriliana (uma ao papa Sisto III) intentam pôr obstáculos aos esforços pacíficos dos anos 432-433.

CPG 6147-6153; PG 28, 1337-1394; 84, 681-685, 726-731, 815-826; DHGE 16, 50-51; Quasten, *Patrologia*, II, Torino 1969, 523-525.

D. Stiernon

EUTÍMIO o Grande, santo (377-473; festa a 20 de janeiro). Sua mãe, viúva e diaconisa, o ofereceu, com a idade de três anos, ao bispo Otreio de Melitene, que logo o batizou e o fez leitor. Sacerdote e superior dos monges aos 19 anos, em 405 foi para a vizinhança de Jerusalém, à laura de Farã, fundada por S. Caritão; passada, no começo, a quaresma na solidão, em seguida retirou-se para uma caverna, onde seus discípulos, por volta de 428, estabeleceram a laura que traz seu nome. Seu prestígio alcançou todo o monaquismo da região, converteu nômades árabes e reconduziu à ortodoxia calcedonense a imperatriz Eudóxia. Escreveu sua biografia Cirilo de Citópolis (ed. E. Schwartz, TU 49,2, Leipzig; trad. A.J. Festugière, *Les moines d'Orient*, III/1, Paris 1962).

DSp 4, 1720-1722; D.J. Chitty, *The Desert a City*, Oxford 1966; L. Perrone, *La Chiesa di Palestina e le controversie cristologiche*, Brescia 1980.

J. Gribomont

ÊUTÍQUES (apr. 378-454). Muito cedo fez-se monge nas vizinhanças de Constantinopla, pois, em 448, afirma que já havia 70 anos levava vida monástica (ACO II, 2, 1, p. 34; II, 4, p. 144); foi ordenado sacerdote e eleito arquiandrita de um grande mosteiro. Era amigo de Cirilo de Alexandria e das pessoas ligadas a este (cf. Mansi 6, 628.631.713) e também de seu sucessor Dióscoro (desde 444), e sobretudo do poderoso eunuco de Teodósio II, Crisáfio. Por isto E. era

muito estimado e influente tanto nos círculos eclesíasticos quanto nos políticos. Com a intenção de combater os nestorianos, pôs-se de acordo com estes e também com os seguidores das duas naturezas em Cristo: E., pelas fontes, é considerado pouco culto e pouco *prudens*. A 8 de novembro de 448 Eusébio de Dorileu acusou-o diante do patriarca de Constantinopla, Flaviano. E., convidado a desculpar-se, somente se apresentou na terceira intimação e foi condenado pelo sínodo permanente a 22 do mesmo mês. Escreveu então ao papa Leão e a outros importantes bispos e teve o apoio de Crisáfio e, indiretamente, de Teodósio II; por isto, durante o chamado *latrocinio efesino* de 449, foi reabilitado. Com a morte destes dois protetores políticos (450), também E. perdeu terreno e sua doutrina foi condenada pelo Concílio de Calcedônia de 451. E. foi exilado; ainda estava vivo em 454 (cf. Leão M., *Ep.* 134 PL 54, 1095). Para os acontecimentos doutrinas e sua teologia veja-se *monofisitas*.

DHGE 16, 87-91 (bibl.).

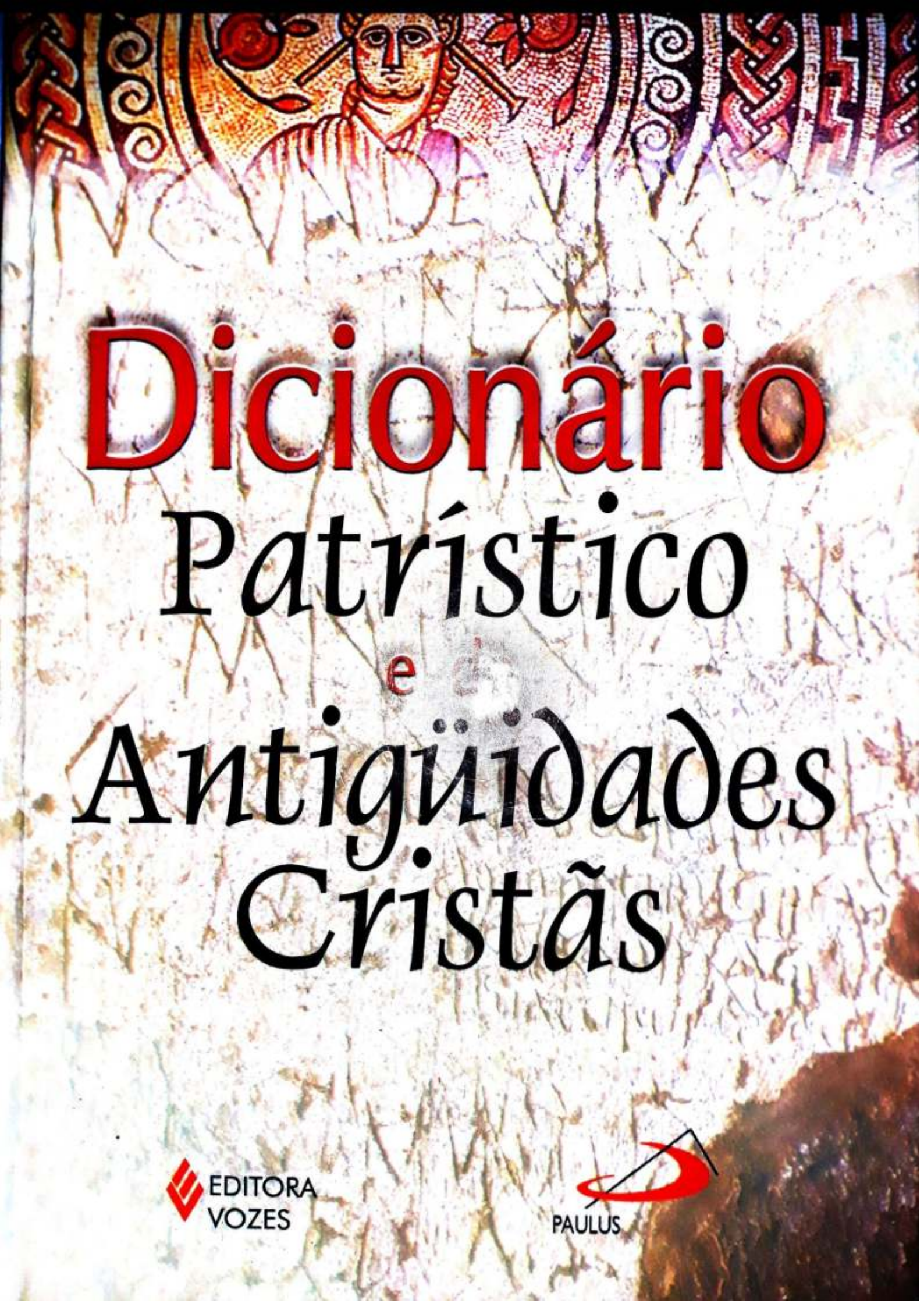
A. Di Berardino

EUTÍQUIO de Constantinopla, patriarca, santo. Nascido em Teios (Frígia) por volta de 512, hieromonge e arquiandrita (*catholicós*) em Amaséia, cujo bispo o enviou a Constantinopla em 552, como seu representante para o projetado concílio, foi designado por Justiniano como sucessor do patriarca Mena († 21 de agosto de 552) e, na qualidade de patriarca, presidiu as sessões e subscreveu os atos do quinto Concílio ecumênico (segundo de Constantinopla, maio-junho de 553), estando o papa Vigílio presente no Bósforo. Deposto por Justiniano (fim de janeiro de 565), de quem havia criticado o astartodocetismo, retirou-se, exilado, para o antigo mosteiro de Amaséia. Depois da morte do patriarca João III, foi restabelecido por Justino II (3 de outubro de 577). Morreu a 5/6 de abril, depois de haver repudiado sua opinião sobre a incorruptibilidade dos corpos ressuscitados, que o havia oposto ao diácono Gregório (futuro papa Gregório I), então apocrisiário papal em Constantinopla. Foi transmitido o texto de seu "libelo" ao papa Vigílio (6 de janeiro de 553) sobre a comunhão de fé com a sede apostólica e a necessidade de se resolver em concílio a questão dos Três Capítulos; e ainda uma homilia sobre a eucaristia e, em versão armênia, um tratado *De differentia naturae et hypostaseos*. É dele o primeiro selo conservado de um patriarca de Constantinopla. Sua *Vida* foi escrita, entre 582 e 602, por um discípulo, o presbítero Eustrácio. Os sinaxários bizantinos comemoram-no a 6 ou a 20 de abril.

PG 86, 2392-2405, 2273-2390; ACO IV, 1 passim; Grumel, *Regestes* I, 244-249, 260-263; P. Anannian, *L'opuscolo di Eutichio patriarca di Costantinopoli sulla "Distinzione della natura e della persona"*: *Armeniaca. Mélanges d'études arméniennes*, Venezia 1969, p. 316-382 (com tr. it.); V. Laurent, *Le corpus des sceaux de l'empire byzantin*, V, 1, Paris 1963, p. 3n, n. 1; BHG 657; CPG 6937-6940; BS 5, 323-324; DHGE 16, 94-95; CE 5, 643; L. Magi, *La Sede Romana nella corrispondenza degli imperatori e patriarchi bizantini (VI-VII sec.)*, Roma-Louvain 1972, p. 148-160.

D. Stiernon

EUTÍQUIO de Eleuterópolis. Este bispo da Palestina nos anos 360 foi o principal apoio de Acácio na controvérsia com Cirilo de Jerusalém. De fato,



Dicionário
Patrístico
e
Antigüidades
Cristãs

 EDITORA
VOZES


PAULUS

CAPÍTULO XII

ÊUTIQUES OU O MONOFISISMO

1. A afirmação de uma única natureza em Cristo

Levados pela oposição radical a Nestório, mesmo após o Concílio de Éfeso, alguns teólogos exageraram a doutrina de Cirilo e caíram no excesso oposto da doutrina que combatiam: o nestorianismo. Insistiam no sentido da “perfeita identidade”, em proveito da divindade e em detrimento da humanidade de Cristo. Assim temos que, no esforço de combater o apolinarismo, Nestório caiu no erro de afirmar as duas pessoas correspondendo às duas naturezas, em Cristo, e Êutiques, no afã de combater o nestorianismo, deu origem à heresia chamada *monofisita* ou *monofisismo* (*mónos* = um só, único; *fýsis* = natureza).

Nascido em 378, Êutiques tornou-se monge de um convento nas imediações de Constantinopla. Amigo de Cirilo de Alexandria e de seu sucessor Dióscoro e, sobretudo, do poderoso eunuco de Teodósio II, Crísafo. Por esta razão era muito estimado e influente no ambiente eclesiástico e político⁶⁴.

⁶⁴Cf. A. di Bernardino, “Eutiche”, em *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane* (A-F), p. 1307.

Êutiques tornou-se um dos maiores inimigos dos hereges e, na controvérsia sobre a maternidade divina, tomou o partido de Cirilo contra Nestório. Enquanto os nestorianos afirmavam o dualismo de natureza e de pessoa em Cristo, Êutiques radicalizava, em represália, sustentando que, na união das duas naturezas, a natureza divina absorvera a natureza humana, de tal forma que não se podia falar senão de uma só, de uma única natureza, em Jesus Cristo: a natureza divina. Convencido desta realidade, Êutiques julgava que os participantes do Concílio de Éfeso foram muito moderados na forma de condenar o nestorianismo. Afirmava que, para extinguir de vez a heresia, era necessário declarar e definir que em Jesus Cristo havia não apenas uma só pessoa, mas também uma só natureza: a divina. Para Êutiques, a natureza humana de Jesus fora como que absorvida pela divindade do Verbo. Ao se encarnar, o Filho de Deus converteu a humanidade de Jesus numa substância divina e eterna: “Depois da encarnação, as duas naturezas ficaram reduzidas a uma só, que é a divina”, dizia ele. Unicamente Deus, o próprio Deus, despojado por vontade própria de sua impassibilidade, era quem havia sofrido e morrido na cruz. Assim, Êutiques e seus seguidores, sobretudo entre os monges e os da corte imperial, propunham que a humanidade de Jesus tenha sido transformada, refundida numa espécie de nova natureza.

Êutiques, na qualidade de chefe dos propagadores dessa doutrina extremista, foi convocado a comparecer, explicar e responder às acusações que lhe faziam num sínodo reunido em Constantinopla, em 448. Acompanhemos o interrogatório que lhe foi feito na ocasião, isto é, na sessão VII do sínodo:

“Flaviano: Confessais que Cristo possui duas naturezas?”

Êutiques: Nunca presumi especular acerca da natureza de meu Deus, Senhor do céus e da terra; admito que nunca confessei ser ele consubstancial conosco... A Virgem, sim, confesso que é consubstancial conosco, e que dela se encarnou nosso Deus...

Florêncio: Sendo ela consubstancial conosco, certamente também seu Filho nos é consubstancial?

Êutiques: Note, por obséquio, que não afirmei que o corpo de um homem passou a ser corpo de Deus, mas que este corpo foi humano e o Senhor encarnou-se da Virgem. Se desejais que acrescente que o seu corpo foi consubstancial com os nossos corpos, assim fá-lo-ei, mas entendo a palavra *consubstancial* (sublinhado no texto) de modo que não acarrete a negação da filiação divina de Cristo. Sempre evitei terminantemente a expressão "consubstancial na carne. Mas, visto que Vossa Santidade mo pede, usá-la-ei....

Florêncio: Admitis ou não que nosso Senhor, nascido da Virgem, é consubstancial (conosco) e portador, após a encarnação, de duas naturezas?

Êutiques: ... Admito que nosso Senhor teve duas naturezas antes da encarnação e uma só depois dela... Sou discípulo, neste particular, do bem-aventurado Cirilo, dos santos Padres e de santo Atanásio; eles falam de duas naturezas antes da união; depois da união e encarnação, apenas falam de uma natureza, não de duas"⁶⁵.

Ao que parece, Êutiques estava envolvido pela vida mística, espiritual, como muitos monges exaltados de seu tempo, desprezava de tal forma a natureza humana, que, extravagantemente, gabava-se de tê-la destruído para viver só do espírito. Negando a natureza humana no homem, para viver uma vida intensa no espírito, negou-a também no homem Jesus de Nazaré, não enxergando nele senão a divindade.

Êutiques começou a ser molestado quando Crísafo, seu afilhado, quis fazê-lo patriarca de Constantinopla. Seu intento fracassou, já que a assembléia escolhera Flaviano, inimigo das doutrinas de Êutiques.

A pretexto de perseguir os nestorianos, Êutiques, aliando-se a Dióscoro, patriarca de Alexandria, e com o apoio de Crísafo, começaram a perseguir os que não participavam de suas opiniões. Diante desta campanha, Flaviano, patriarca de Constantinopla, reuniu os bispos e, depois de ouvir a defesa de

⁶⁵Leão, Bispo de Roma, *Ep. XXVIII, (Ad Flavianum)*, 13 de junho de 449. Texto em H. Bettenson, pp. 83-86.

Êutiques, concluiu por acusá-lo de heresia e o depôs de seu cargo de abade. Êutiques não aceitou a sentença e apelou para o papa e para o imperador com a esperança de ganhar tempo e atraí-los para sua causa. A influência de Crísafio foi suficiente para convencer o imperador Teodósio II da necessidade de um novo concílio. Este se realizou em Éfeso, em 449.

Tudo foi preparado, de antemão, para dar vitória aos monofisitas. Dióscoro, patriarca de Alexandria, assumiu a presidência do concílio. Admitiu-se, nas deliberações, a presença de Barsaumas, chefe de um grupo que se dizia monge e que saqueava templos e incendiava mosteiros a pretexto de pertencer aos nestorianos. Por outro lado, impediu-se a entrada de diversos bispos inimigos do monofisismo.

2. O “*Tomo de Leão*” e o “*Concílio de Ladrões*”

Mas o grupo de Êutiques não contava com a atitude enérgica do papa Leão Magno. Este enviou a Flaviano uma carta que passou para a história como o *Tomus ad Flavianum*. Neste texto, o papa definia, com clareza, que em Jesus Cristo havia duas naturezas, a divina, pela qual ele era Deus, e a humana, pela qual era homem como nós; estas duas naturezas estão unidas numa mesma e única pessoa, a do Verbo divino. “Jesus Cristo é Deus, dizia Leão, porque está escrito: ‘No princípio era o Verbo’. E é homem, porque se diz: ‘O Verbo se fez carne’. A dualidade de natureza não prejudica, segundo Leão Magno, a unidade da pessoa e é essa unidade que “faz professar no símbolo que o Filho do Homem desceu dos céus e que o Filho de Deus tomou carne da Virgem Maria”.

Quando Hilário, um dos legados do papa, foi apresentar esta carta ao concílio, não teve oportunidade de ser ouvido. Dióscoro e seus partidários, apoiados pela guarda imperial e pelos “monges” de Barsaumas, impediram a leitura da carta do papa. Declararam que não se devia ajuntar nada ao que já fora definido nos três concílios universais anteriores.

Muitos bispos protestaram, Flaviano e o legado romano, Hilário, manifestaram-se contra esta atitude e as conclusões dos monofisitas. Produziu-se, então, um grande tumulto, ocasião em que o patriarca de Constantinopla, inimigo de Êutiques, foi espancado e morreria, dias depois, em consequência dos ferimentos recebidos.

Eis, num resumo, o que diz o "*Tomo de Leão*", a respeito de Êutiques: "Depois de tratar no cap. I, dos desvarios e da incompreensão das Escrituras, por parte de Êutiques, no cap. II se diz: "Êutiques, ignorando o que devia saber acerca da encarnação do Verbo, não teve vontade de buscar a luz da inteligência no estudo diligente das Escrituras. Devia ter admitido, ao menos, com respeitosa solicitude, a fé comum e universal dos fiéis de todo o mundo que confessam crer (...). Seu nascimento (do Filho) no tempo, entretanto, nada tirou e nada acrescentou a seu nascimento eterno divino, (...). Pois é verdade que o Espírito Santo deu fertilidade à Virgem, embora a realidade do seu corpo fosse recebida do corpo dele (...); III. Assim, intactas e reunidas em uma pessoa, as propriedades de ambas as naturezas, a majestade assumiu a humildade, a força assumiu a fraqueza, (...) a natureza inviolável uniu-se à natureza que pode sofrer (...). O verdadeiro Deus nasceu, pois, em natureza cabal e perfeita de homem verdadeiro, completo nas suas propriedades e completo nas nossas. (...). Cada natureza guarda as suas características sem qualquer diminuição de tal maneira que a forma de servo não reduz a forma de Deus (...). IV. (...) Cada natureza (a de Deus e a de servo) realiza suas próprias funções em comunhão com a outra. O Verbo faz o que é próprio ao Verbo, a carne faz o que é próprio à carne; (...). Pois, ainda que em Cristo nosso Senhor haja só uma pessoa Deus-Homem, o princípio que comunica a ambas as naturezas as ofensas é distinto do princípio que lhes torna comum à glória"⁶⁶.

⁶⁶Leão, Bispo de Roma, *Ep. XXVIII, (Ad Flavianum)*, 13 de junho de 449. Texto em H. Bettenson, pp. 83-86.

Quando o papa foi informado do que acontecera em Éfeso, declarou aquele concílio um *Concílio de Ladrões*.

Com a morte de Teodósio II, em 450, com a persistência e com o beneplácido da imperatriz Pulquéria e de seu esposo Marciano, reuniu-se no ano seguinte, em 451, um novo concílio. Inicialmente convocado para ser realizado novamente em Éfeso, este concílio só pôde ser realizado em Calcedônia, por motivos de uma guerra em curso nas regiões de Éfeso. Neste concílio, o quarto ecumênico, os ortodoxos obtiveram sua maior vitória. Seiscentos bispos reunidos declararam que "Pedro falou pela boca de Leão" e que a Carta de Leão Magno a Flaviano (*Tomus ad Flavianum*) continha a verdadeira doutrina sobre a pessoa e a natureza de Jesus Cristo. Declararam (os conciliares) que confessavam um só e mesmo Cristo, Senhor e Filho único em duas naturezas e que cada natureza, conservando sua maneira de ser própria, encontrava-se com a outra numa só pessoa. Numa palavra, ficava definido o dogma de que em Jesus Cristo existiam duas naturezas, divina e humana, ambas inteiras, distintas e unidas numa só e mesma pessoa, sem mistura nem confusão, conservando cada qual suas propriedades mediante a *união chamada hipostática*.

3. Alexandria: capital do monofisismo

A vitória dos ortodoxos, no concílio de Calcedônia, não destruiu o monofisismo. O resto dos anos do século V e todo o século VI foram cheios de incessantes ataques dirigidos pelos monofisitas aos ortodoxos.

Dióscoro, o patriarca de Alexandria, amigo de Êutiques, adulterando a Carta de Leão Magno e as Atas do Concílio de Calcedônia, fazia crer ao povo que, em tais assembleias, triunfara o nestorianismo que Cirilo tanto combatera.

A paixão e o fanatismo pela causa de Dióscoro se inflamara a tal ponto que, o imperador Marciano, tendo-o desterrado e substituído pelo bispo católico Protério, fez estalar em

Alexandria sangrenta revolução, em que foi assassinado o novo bispo, e os soldados do imperador, que tentavam evitar o crime, foram queimados vivos, no templo de Serapis.

Nesta altura, Alexandria tornou-se a capital do monofisismo. Daí se irradiou por todo o Egito, Etiópia, Síria e Armênia. Os monofisitas tentaram conquistar a capital do império bizantino, Constantinopla. Pela posse desta cidade, travou-se uma acirrada batalha entre católicos e monofisitas, durante meio século. Como os imperadores que se revejavam protegiam ora uma, ora outra tendência, também se revejavam no trono episcopal, ora um católico, ora um monofisita.

No reinado de Acácio, patriarca de Constantinopla, monofisita convicto, criou-se o cisma acaciano, o qual separou a Igreja de Constantinopla da Igreja de Roma, por trinta e cinco anos.

4. O "Henotikon" do imperador Zenão

De fato, o imperador Zenão Isáurico, percebendo o grande perigo que um cisma poderia provocar para o governo do império, baixou um "edito de união", o *Henótikon*, composto pelos patriarca de Constantinopla (Acácio) e o de Alexandria (Pedro Mongo). Difundiu-se, então, por todo o império bizantino, a profissão de fé monofisita chamada *Henótikon* ou *Unificação*. Neste decreto de unificação, sugere-se que Calcedônia teria errado nas suas conclusões e não se mencionam as duas naturezas de Cristo. Dizia-se, apenas, que Cristo era uno, e não dois.

Esta fórmula de fé muito equívoca provoca grande indignação na Igreja do Ocidente. O papa Simplicio excomungou, então, o imperador Zenão e os patriarcas do monofisismo, Acácio e Pedro Mongo. Essa excomunhão, contudo, não vai sanar o cisma. Aconteceu o que mais se temia: a instauração do cisma acaciano, que só vai ser extinto com a subida ao trono imperial de Justino, em 518, e o restabelecimento da profissão de fé de Calcedônia.

Alexandria sangrenta revolução, em que foi assassinado o novo bispo, e os soldados do imperador, que tentavam evitar o crime, foram queimados vivos, no templo de Serapis.

Nesta altura, Alexandria tornou-se a capital do monofisismo. Daí se irradiou por todo o Egito, Etiópia, Síria e Armênia. Os monofisitas tentaram conquistar a capital do império bizantino, Constantinopla. Pela posse desta cidade, travou-se uma acirrada batalha entre católicos e monofisitas, durante meio século. Como os imperadores que se revejavam protegiam ora uma, ora outra tendência, também se revejavam no trono episcopal, ora um católico, ora um monofisita.

No reinado de Acácio, patriarca de Constantinopla, monofisita convicto, criou-se o cisma acaciano, o qual separou a Igreja de Constantinopla da Igreja de Roma, por trinta e cinco anos.

4. O "Henotikon" do imperador Zenão

De fato, o imperador Zenão Isáurico, percebendo o grande perigo que um cisma poderia provocar para o governo do império, baixou um "edito de união", o *Henótikon*, composto pelos patriarca de Constantinopla (Acácio) e o de Alexandria (Pedro Mongo). Difundiu-se, então, por todo o império bizantino, a profissão de fé monofisita chamada *Henótikon* ou *Unificação*. Neste decreto de unificação, sugere-se que Calcedônia teria errado nas suas conclusões e não se mencionam as duas naturezas de Cristo. Dizia-se, apenas, que Cristo era uno, e não dois.

Esta fórmula de fé muito equívoca provoca grande indignação na Igreja do Ocidente. O papa Simplicio excomungou, então, o imperador Zenão e os patriarcas do monofisismo, Acácio e Pedro Mongo. Essa excomunhão, contudo, não vai sanar o cisma. Aconteceu o que mais se temia: a instauração do cisma acaciano, que só vai ser extinto com a subida ao trono imperial de Justino, em 518, e o restabelecimento da profissão de fé de Calcedônia.

Em síntese, o *Henótikon*, após a saudação do imperador aos bispos e clérigos, aos monges e ao povo espalhados por Alexandria, Egito, Líbia e Pentápolis, diz: "Nós estamos convencidos de que a fonte e o sustentáculo de nossa soberania, sua força e inexpugnável defesa, é aquela única e verdadeira fé que, por inspiração de Deus foi publicada pelos 318 santos padres reunidos em Nicéia, e confirmada pelos 150 santos padres que, de modo semelhante, se reuniram em concílio em Constantinopla. Por isso, nos esforçamos noite e dia por todos os meios, por oração, por ações corajosas, por legislação, a fim de promover em toda a parte o crescimento da santa Igreja católica e apostólica, a imaculada e imortal mãe de nosso reino, para que os leigos piedosos, permanecendo em paz e harmonia com Deus, possam juntamente com os bispos, ternamente amados por Deus, com o piedosíssimo clero, os arquiandritas e os monges, oferecer seu sacrifício aceitável em favor de nossa soberania. Visto que o nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo, que se encarnou e nasceu de Maria, a santa Virgem e Genitora de Deus, aprova e prontamente aceita nosso culto e serviço harmonioso, o poder de nossos inimigos será superado e disperso, e as bênçãos da paz, do tempo favorável e de colheitas abundantes, assim como tudo o que em benefício do homem, nos será liberalmente concedido.

Por conseguinte, visto que a fé irrepreensível é a nossa defesa e a do Império Romano, recebemos petições de piedosos arquiandritas e eremitas, suplicando com lágrimas que as igrejas sejam restauradas na unidade, que sejam reunidos os membros que o inimigo de todo o bem desde o princípio tentou por todos os meios separar uns dos outros, sabendo que será derrotado se atacar quando o corpo estiver todo reunido (...). Além disso, confessamos que o Unigênito Filho de Deus, ele mesmo Deus, realmente tomou sobre si a humanidade, nosso Senhor Jesus Cristo, e que, com respeito à sua divindade, é consubstancial com o Pai, sendo com respeito à sua humanidade consubstancial conosco; confessamos que ele, descendo e se encarnando por

obra do Espírito Santo e da Virgem Maria, a Genitora de Deus, é um só, e não dois, visto afirmarmos que pertencem a uma única pessoa tanto os seus milagres como os seus sofrimentos, que, por sua própria vontade, suportou na carne; de modo algum admitimos aqueles que fazem uma divisão ou uma confusão, ou apresentam um fantasma, afirmando nós que sua encarnação verdadeiramente sem pecado na Genitora de Deus não importou na adição de um Filho, já que a Santa Trindade continua a existir como Trindade mesmo quando um membro, Deus o Verbo, se encarnou (...).

(...) Anatematizamos todo aquele que confessou ou confessa qualquer outra opinião, quer agora, quer em outro tempo, quer em Calcedônia ou em outro sínodo qualquer; em particular anatematizamos Nestório, Êutiques e todos os que sustentam seus ensinamentos⁶⁷.

5. Surgimento dos coptas e jacobitas

Através da imperatriz Teodora, os monofisitas pressionavam Justiniano, o novo imperador, para que condenasse os *Três Capítulos*. Os *Três Capítulos* eram um resumo das obras dos teólogos nestorianos ou seminestorianos, Teodoro de Mopsuéstia, Teodoreto de Ciro e de Ibas de Edessa, que foram aprovados pelo concílio de Calcedônia. Através de um edito, em 543, Justiniano atende a esse pedido condenando os *Três Capítulos*. Aos monofisitas restava convencer o papa Virgílio a fazer o mesmo. Diante de certa resistência ou hesitação, sentindo que as pressões não produziam muito efeito, os monofisitas seqüestram o papa e o conduzem a Constantinopla, onde chegam nos inícios de 547. Mas, bem informado sobre as questões, o papa continuava a se opor à aprovação do decreto de condenação do imperador, até que,

⁶⁷Zenão (Imperador de 474 a 491), *apud Evagrius, H.E.*, III. 14; Texto em H. Bettenson, pp. 130-132.